



Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

XV JORNADA

DE CARTÉIS

E DE APRESENTAÇÃO DE
TRABALHOS DA BIBLIOTECA
FREUDIANA DE CURITIBA

CURITIBA
novembro/2004

BIBLIOTECA FREUDIANA DE CURITIBA

Centro de Trabalho em Psicanálise

Comissão de Publicações Internas

Coordenação: **Mirela Stenzel**

Revisão: **Jandyra Kondera Mengarelli**

Apresentação: **Maria Angélica Carreras**

OS TEXTOS DESTA PUBLICAÇÃO SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES,
CEDIDOS À BFC PARA A PUBLICAÇÃO DO QUE FOI APRESENTADO EM JORNADA.

Esta publicação virtual se refere às Jornadas de Cartéis e de Apresentação de Trabalhos do ano de 2004. Por uma série de fatores houve atraso nesta publicação. Em razão do lapso de tempo, não foi possível contatar muitos autores de trabalhos que foram apresentados na ocasião e, portanto, não estão contemplados nesta publicação. Os textos aqui apresentados são os que estavam nos arquivos da BFC e dos autores que ainda mantiveram algum tipo de contato.

Em razão desta dificuldade, ficamos à disposição para que qualquer um que se sinta prejudicado, que tenha apresentado trabalho naquele momento e tenha interesse de ser incluído nesta publicação virtual, entre em contato com a Comissão de Publicação Interna da BFC, pelo e-mail b.freudiana@uol.com.br ou mirstenzel@hotmail.com.

Comissão de Publicação

Cartéis, um dos tantos inventos de Lacan, um dispositivo que favorece o trabalho com outros. Um grupo, motivado por uma transferência com o texto freudiano e lacaniano, que teria por objetivo eliminar certos fenômenos próprios das reuniões dos falantes.

Visam tanto delimitar o tema como estimular a singularidade de abordagens. Também estabelecem uma limitação de integrantes e de tempo, com o objetivo de minimizar os efeitos que emergem inevitavelmente num grupo: luta de prestígio, liderança, exaltação de saber, inibições, etc., formando o conjunto que se denomina gozo obsceno.

O cartel permite a circulação de discursos, produzindo movimentos para que o recalque não se torne moeda corrente.

Criar a possibilidade de uma crítica interna e/ou externa, não superegóica, dando lugar a laços que revigoram a já célebre frase de Lacan: “instituir no funcionamento”.

Outro aspecto interessante do cartel, sendo esta uma exigência, é que o produto seja próprio e não coletivo, convocando um efeito de autoria assinado pelo nome de cada um.

Os cartéis na BFC podem contar com a participação de Mais Um, se for a escolha dos integrantes, não sendo, portanto, obrigatória. A função do Mais Um não é de mestria, de prestígio, é de propiciar a saída do anonimato do cartelando, tão própria das instituições religiosas.

Refletir sobre a prática, expor as idéias evita o isolamento, caldo de cultivo de dogmatismos e preconceitos.

Maria Angélica Carreras

ÍNDICE

Cartel: "TRANSFERÊNCIA"

Sandra Silva Fuga

AINDA NO CAMINHO 05

Cláudia Cristina Daldat

INQUIETAÇÕES TRANSFERENCIAIS 07

Léo Cardon

A HERESIA DA PRESENÇA DO ANALISTA 08

CARTEL: TRANSFERÊNCIA

AINDA NO CAMINHO

Sandra Silva Fuga

Finalizo o meu trabalho anterior com um parágrafo que me abre para muitas questões e me põe a trabalhar com o intuito de finalizar neste ano meu trabalho de cartel sobre a transferência. Trata-se da seguinte frase: “Uma nova organização pulsional permite que o sujeito altere a sua posição frente aos efeitos produzidos pela ação do Real sobre ele”. Mas o que é o Real? Sabe-se que o Real é da ordem do insabido, é o que não podemos nomear, é o fracasso de uma simbolização que o imaginário quer preencher e que, portanto, não está articulado simbolicamente.

A clínica psicanalítica é a clínica do Real. É uma clínica que não visa adaptar o desejo do paciente como um lugar de verdade. Freudianamente a realidade psíquica é privilegiada. O sujeito só enxerga fantasmaticamente, ou seja, através da história que monta para poder viver com a falta de realidade, e que tem como consequência o sintoma.

Essa montagem “prende”, mas é o que permite lidar com o fato que não existe uma causa última. O sofrimento impede o saber sobre essa não verdade.

O ser humano se organiza ao redor de um vazio, uma falta, uma carência que por ser insuportável faz com que o imaginário tente dar conta, ocupe esse vazio. O tempo todo pressupõe que o saber está em algum lugar e procura por ele.

A clínica do Real, portanto, visa que o sujeito se confronte com essa falta, que aparece nos relacionamentos, na educação, no ensinar, enfim no viver.

Para tanto sendo a transferência um dos pilares estruturadores do processo analítico, é o veículo através do qual esse confronto encontra possibilidade de realização. É através da transferência que o paciente atribui ao analista todo um saber a respeito de si próprio. O SsS - sujeito suposto saber - articula todo o processo da transferência, pois só se fala do que “falta”. E o lugar do analista é o lugar da

falta, de *objeto a*. Não é com o saber que ele pontua ou interpreta. Ao se fazer semblante do objeto, permite que o analisante produza seus próprios significantes. O saber que faz o analista agir é o saber inconsciente, é o desejo do analista, efeito de sua análise pessoal (castração).

O único saber que permite produzir ato é o saber inconsciente, e a transferência é a atualização da realidade inconsciente.

Voltemos ao *objeto a*; o que é esse objeto? Segundo Lacan, é o objeto causa do desejo.

A cada volta da pulsão, a criança perde o objeto que foi para o Outro, esse é o objeto que cai, o *objeto a* que foi para o Outro no circuito pulsional. Esse Real perdido é que deixa buracos no corpo. Essa é a falta, perdê-lo foi a condição para constituição de sujeito. O significante surge sempre no campo do Outro e a criança ocupa significação desconhecida. A metáfora paterna (Nome do Pai) tira-a dessa posição de satisfazer a mãe, mas permanece o enigma – O que sou para o Outro?

Para Lacan esta operação consiste fundamentalmente na substituição do desejo materno, pelo significante do Nome do Pai, e é isso que permite o sujeito se introduzir na ordem simbólica, no mundo da linguagem e principalmente na dimensão de seu próprio desejo.

Portanto, o desejo se constitui na ausência do objeto, na sua perda primitiva, fundando a “falta a ser” original do sujeito castrado. Segundo MELMAN (1985, p. 23):

“[...] a transferência não é apenas o acidente local se assim posso me exprimir de uma psicanálise, mas é ela mesma um fato de estrutura, e particularmente vivo no discurso histérico; que de uma certa forma a transferência se resolva ou não numa análise, estamos todos imersos na transferência. A transferência é constitutiva da nossa subjetividade, funcionamos quase todos com a presença deste olhar ou desta voz, de quem esperamos, aguardamos alguma reconciliação”.

A fala do analisante data do lugar do Outro, o desejo inconsciente é o desejo do Outro.

Segundo Isidoro Vegh, p. 82-83, “No início com sua presença o analista sustenta o objeto que o

analisante propõe a partir de seu fantasma. Num segundo tempo propicia a sua subtração”. Portanto a construção do analista é também uma desconstrução, isto é, uma desmontagem do fantasma.

Ao longo de uma análise, o sujeito vai sendo levado a abandonar os significantes pelos quais se representa, o desejo inconsciente é mobilizado pela cura. “Quanto mais o analista colocar seu desejo, mais manifesta será a manifestação do desejo do paciente neste lugar”. (Serge Cottet, 1989, p. 158).

No ato, sustentando o lugar de a, lugar do gozo, ele permite que o analisante saia do lugar que ocupa fixado ao gozo e se abra para o desejo.

Sendo assim, uma nova organização significativa se estabelece, pois não sendo o analista o Outro real da demanda, não respondendo deste lugar, possibilita que o sujeito se responsabilize pelo seu desejo, e entrar em contato com o desejo é aceitar a condição de incompletude, responsabilizar-se pelo prazer, e também pela dor de existir.

E como o desejo convoca o Real, é perda, abre um vazio, continuo no caminho, pois uma questão se fecha, mas muitas se abrem.

Para finalizar, empresto palavras de Helena Kolody :

Não, não tenho caminho novo,
o que tenho de novo
é o jeito de caminhar
Aprendi (o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém a mim
e aos que vão comigo
pois já não vou mais sozinha

Completou-se uma jornada
Chegar é cair na inércia
de um ponto final
Na euforia da chegada
há um convite irrecusável
para uma nova partida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COTTET, Serge. Freud e o desejo do psicanalista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
2. LACAN, Jacques. O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

3. LACAN, Jacques. Escritos. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

4. MELMAN, Charles. Novos estudos sobre a histeria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

5. MILLER, Jacques- Alain. Percurso de Lacan: Uma Introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

6. VEGH, Isidoro. As intervenções do analista. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2001.

INQUIETAÇÕES TRANSFERENCIAIS

Cláudia Cristina Dadalt

Conclui meu ensaio sobre a transferência apresentado na jornada de cartéis de 2003, dizendo que: “[...] a transferência vai permitir desatar o nó sintomal que trava o sujeito, permitindo-lhe claudicar por outros rumos”.

Neste tentei buscar o percurso feito por Freud desde sua descoberta do inconsciente à formulação da neurose de transferência, passando necessariamente por toda elaboração teórica freudiana.

Pois bem, como toda imersão teórica instila novas questões, a compreensão até então emergida, resultou transpassada de questionamentos, ou melhor, inquietações.

As quais me abriram caminho à leitura de Lacan e seu retorno a Freud.

Minha maior inquietação era como compreender que por meio de um processo transpassado pela transferência, o sujeito poderia libertar-se desse nó sintomal, se este é estrutural, portanto diz de uma alienação primordial a um outro.

Mas, o que é esta alienação? Houaiss, diz que o *antepositivo alien* pode ser traduzido como: “o que pertence a outrem, de outrem”. Assim ação que pertence a outrem.

Lacan vai propor pensar essa alienação constituinte do sujeito por meio de dois campos: o do sujeito, que nos diz ser o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer; mas somente depois de perder-se no campo do Outro, para Lacan lugar onde se situa a cadeia significativa que vai comandar o “nascimento” do Sujeito - \$. Lacan introduz ao movimento pulsionalizante da alienação e separação. Diz que o movimento da alienação é recoberto por um vel, assim vel da alienação, pois este vai recobrir duas faltas, a do sujeito e a do Outro. Assim, o Outro – como o lugar onde se situa a cadeia significativa – ao demandar sempre algo diferente permite circular a cadeia com o movimento de separação.

O que é separar? É cindir, desunir, deixar de ser uno (Houaiss – verbete separar – item 11). Portanto para Lacan, fundar o inconsciente, estruturado como uma linguagem, deixando o sujeito alienado, mas - no significante.

Creio a partir dessa apreensão, que tentei aqui compactar, com o intuito de não ser redundante, se é que isso é possível, poderei agora voltar a minha inquietação.

Assim compreendo que se este nó sintomal é estrutural, não podemos então jogá-lo aos porcos, pois podemos considerá-lo uma pérola significativa que pode ser cambiada na estrutura.

Como? Por meio da transferência em processo analítico, onde o sujeito pode deixar surgir esta cadeia significativa alienada ao sentido do outro, ocasião em que o analista vai tentar instaurar o não sentido, permitindo ao sujeito reelaborar essa determinação significativa, ao que Lacan vai afirmar:

A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes ao seu não senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito (Seminário 11, p. 201).

Interpretação que vai permitir abrir o postigo, como dizia Lacan para que o sujeito possa torcer essa determinação significativa, tecendo sua própria significação, para que assim possa apropriar-se de seu desejo. Pois o processo psicanalítico vai permitir-lhe deparar-se com essa falta fundamental no Outro, fazendo-o perceber-se também faltante, deixando-o assim livre para claudicar por outros rumos, pois como Freud já pontuou em Além do princípio do prazer, “MANCAR NÃO É PECADO”.

A HERESIA DA PRESENÇA DO ANALISTA

Léo Cardon

cardon@uol.com.br

Em 1980 Lacan dá seu primeiro e último seminário na América Latina, em Caracas. Nos pergunta se somos seus alunos e espera ouvir-nos para saber que diferença haveria entre os que se formaram pela letra de seus textos e seminários, e os que ouviram sua voz e aqueles aos quais ouviu.

Mas adianta: a escolha de ser lacaniano é nossa, ao dizer a frase que ficou famosa ao lançar aí publicamente sua nova instituição:

Venho aqui antes de lançar minha Causa Freudiana. Como vêem, não me desprendo desse adjetivo. Sejam vocês lacanianos se querem. Eu sou freudiano.

Passará então a falar do debate que mantém com Freud desde há anos. Se muitos são os lugares da teoria freudiana que a leitura lacaniana ampliou, aprofundou e esclareceu, há também muitos outros nos quais tomou posições diferentes e até excludentes das de seu mestre. É o que fará na seqüência do acima citado.

Dirá: “Aqui está: meus três não são os dele. Meus três são o Simbólico o Imaginário e o Real.” Faz referência no caso aos três que Freud legou aos seus: Eu, Isso e supereu. E passará a criticar seu esquema. Deixarei de lado agora a seqüência do seminário para pensar o RSI (que também pode ler-se *héresie* que significa em francês heresia, do grego *haeresis*-escolha).

Lacan adverte que nos legou seus três para que soubéssemos nos orientar na prática. Creio que não só na prática clínica, onde nos situamos como saber suposto, mas também na prática da letra, da teoria, onde tomamos nosso dever de dar conta de nossa prática, como saber exposto.

É neste sentido que tentarei pensar um aspecto da obra de Lacan que não poderia ser chamado de conceito, mas de um *fato*. Refiro-me à

presença do analista. E tratarei de fazê-lo utilizando os três registros de Lacan.

ISR

A presença do analista aparece como título de um capítulo do “Seminário 11”, seminário que tem para nós a importância de ter sido o primeiro que Lacan escolheu, ainda em vida, para o estabelecimento e publicação. Neste décimo capítulo está por começar a abordagem do conceito de transferência, após haver trabalhado a questão da causa quando da abordagem dos conceitos de inconsciente e repetição. O que surpreende é que se atenha ao longo desse capítulo à questão do laço entre a transferência e a causa.

Todos os aspectos tão novos à época tais como o conceito de *Sujeito suposto Saber* e a fundamentação da transferência como *posta em ato da realidade sexual do inconsciente* não serão abordados ainda neste capítulo e no seguinte. Terão que aguardar a passagem pela crítica do conceito freudiano de pulsão, a partir da qual Lacan retorna ao conceito da transferência, ligado ao da constituição do sujeito.

Antes de abordar estes aspectos aí adiantados, Lacan havia trabalhado a presença como fenômeno (portanto como da ordem do Imaginário) nos capítulos IV e V do “Seminário 1”. É uma época em que Lacan ainda não se utiliza do conceito de significante, mas dos de palavra plena e vazia, onde nos diz que a palavra na prática analítica tem a função de revelar quando plena e de expressar quando vazia.

Trata então de localizar o fenômeno da resistência e os diferentes mecanismos pelos quais a palavra reveladora do ser se vê impedida de chegar à consciência. Está neste momento em busca de uma boa tradução para a *verwerfung* (aí traduzida como recusa) e a opção à *verdrängung* localizada em uma de suas primeiras utilizações do caso *Signorelli*.

Ao abordar o momento em que algo produz a interrupção do livre associar se propõe um breve comentário do texto “Dinâmica da transferência” de Freud. Ali, depois de criticar a versão francesa deste artigo de 1912, aborda a afirmação freudiana de que

ninguém pode ser julgado em *absentia e effigie*. Aqui, o que interessa a Lacan é mostrar que a tradução francesa deixa de lado o termo freudiano *Übertragungspänomene* que nada mais é senão a utilização no manifesto da pessoa do analista que entra como um compromisso para atualizar e representar o recalado, quando as associações livres se aproximam demais dele.

A pergunta estereotipada: não esta pensando em alguma coisa que diz respeito a mim, analista? diz que seria possível escutar uma resposta algo assim como: “*Eu realizo de repente, o fato da sua presença*”. Curioso paradoxo, pois se por um lado a presença física do analista é necessária, ela se realiza (como fenômeno) no tempo do surgimento da formação de compromisso na consciência. Lacan o dirá de uma forma ainda mais ampla, quando nos recorda que estamos rodeados de todo tipo de presenças na nossa vida quotidiana, que não realizamos enquanto tais. Parece-me que Lacan está ademais inaugurando aí uma forma outra de pensar a percepção e a realidade que futuramente radicalizará a subversão freudiana de nossa relação com a realidade. (Aclaro que em francês o verbo *réaliser* tem o sentido de fazer existir, tornar real, mas também de compreender, se dar conta de).

SIR

A questão da presença do analista será retomada no “Seminário 11”. Para poder pensá-la vale a pena fazer um comentário mais amplo do capítulo X que leva este nome.

Lacan parte, para a discussão do conceito de transferência, de seu aspecto imaginário, do afeto, do imaginário dos sentimentos de amor e ódio, sendo a transferência qualificada respectivamente de positiva e negativa. Aponta então a um outro emprego do conceito: o remete ao fato de ele estruturar todas as relações e pensamentos em torno deste outro que é o analista. Usará a expressão que se usa comumente: “ele está em plena transferência”, e explica: é que todo seu modo de percepção está reestruturado sobre o

centro prevalente da transferência. Isto equivale a dizer em termos freudianos que a transferência transforma a neurose em neurose de transferência.

Descartando a idéia de que a transferência seria apenas tributária da prática analítica, observa que a melhor forma de pensar os conceitos é articulando-os entre si. Começará pelo conceito de inconsciente, relacionando-o aos efeitos da fala na constituição do sujeito e retoma dos primeiros capítulos do “Seminário” a noção de abertura e fechamento, de acordo com a pulsação temporal, que não deve ser pensada como provindo de algum tipo de força instintual, mas ligado à pulsão. Devemos recordar que desde o “Discurso de Roma” o inconsciente é pensado como a soma dos efeitos da fala sobre o sujeito. Ao defini-lo desta forma Lacan diz renovar a aliança com o descobrimento freudiano.

Este sujeito que está subvertido pela linguagem, não é um ser de conhecimento, e não é nenhuma substância ou substrato vivo, mas com bases bem mais servas quanto à certeza que ele falha, e isto é para Lacan o inconsciente. É a cadeia significativa que, diferente do inconsciente pensado como depósito ou sacola cujos “conteúdos” sempre se repetem, não voltará a se apresentar uma segunda vez. O analista Orfeu está situado aí como uma testemunha, mas não como selando o pacto da palavra (Sem. 1), mas como testemunha de uma perda. Pois o campo descoberto por Freud é um campo que por sua natureza se perde, diferente do campo da física, que é o caminho que Lacan tomará a seguir, retomando os autores que desde seus descobrimentos foram marcando um novo sulco no real, desalojando Deus deste lugar.

Por outro lado, o campo da perda nos levaria a pensar a articulação entre os conceitos de inconsciente, repetição e transferência com o de pulsação temporal. É este o passo que obrigará Lacan a ter que desenvolver a crítica do conceito de pulsão, para só então retornar sobre a transferência e introduzir os conceitos de alienação e separação na sua concepção do sujeito.

Repete para nós o que tinha sido seu caminho nos últimos treze anos, remarcando as diferenças com

outros enfoques da Psicanálise, cujos erros de leitura dos conceitos freudianos, levaram a um caminho que conduz a uma perda do que já havia sido conquistado por Freud, e, portanto a devolver os poderes à consciência e ao eu, pensado como autônomo e a pensar a realidade como dada. Neste sentido a repetição é do mesmo, o inconsciente é do domínio do significado e é previsível, a transferência é repetição e distorção da percepção da realidade dada, sendo sua temporalidade pensada no *hic et nunc* comigo como outrora com outro. A pulsão é força constante proveniente do instinto, o objeto pulsional é conatural à tendência e finalmente o analista seria presente como tal, deveria se apresentar sempre da mesma forma para facilitar a projeção psíquica, e seria aliado da parte sã do eu do paciente.

Lacan dirá tudo ao contrário. A partir da pulsação temporal do inconsciente dirá que a presença do analista deve ser incluída no inconsciente (mais tarde dirá que não existe o significante do analista no inconsciente e que o lugar que este poderá vir a ocupar articulado como saber inconsciente terá relação com a estrutura clínica); que este inconsciente pensado como a soma dos efeitos do significante que mortifica o corpo (força a entrada no Simbólico), deixará sempre um resto dessa operação que será não simbolizável – objeto *a* – que constituirá um *gap*- (hiato - aula de 12/08/63 – “Seminário 10: A angústia) entre a causa e o efeito – objeto da pulsão e objeto do desejo respectivamente.

A causa do inconsciente, dirá Lacan, deve ser tomada no seu duplo sentido: causa a ser sustentada, mas também causa no nível do inconsciente, que deve ser concebida como causa perdida, sendo esta, dirá, a nossa única chance de ganhá-la.

Poder-se-ia perguntar: por que perdida se está preenchida (pelas articulações de saber)? Neste momento do Seminário, Lacan retoma o conceito de repetição, lembrando que o encontro é sempre falho, o que constitui do ponto de vista da *tique*, sua ocultação constitutiva. Retomará a partir daí a análise transcendental da causa. E o fará pela via da fórmula escolástica retomada pela medicina: *ablata causa*

tollitur effectus, ou seja, levantada a causa, cessa o efeito. Funcionaria assim com o inconsciente? Não, e para sustentar a diferença, Lacan procede de uma maneira surpreendente. Primeiro pluraliza a apódoxe *tolluntur effectus*, o que impede a leitura linear e de mão dupla da relação de causa e efeito; em segundo lugar seguirá mais radicalmente ao traduzir o que produziu da seguinte forma: *os efeitos só se comportam bem na ausência da causa*. Usando a alegoria da dança de roda, diz que se os efeitos se dão bem as mãos, fariam obstáculo a que a causa, o Real se imiscua em sua roda.

Poderá então aventar uma ontologia surpreendente da causa inconsciente, situando-a nem como ente nem como não ente, mas como um não ente da interdição que leva um ente ao ser, o que concluirá em uma fórmula que desenvolverá futuramente: a causa inconsciente é uma função do impossível sobre a qual se funda uma certeza. Esta certeza poderia ser entendida como a *Entstehung* freudiana, mas Lacan a subverte definindo o inconsciente como pré-ontológico. Ou seja, não se trata apenas do deslocamento com desfiguração (*Entstehung* de Freud), mas do fato de que a realidade fática se oferece ao pensamento inconsciente para que se manifeste a causa inconsciente que por estar perdida será investida (catexizada diria Strachey) como verdadeira e atual, e é vivida como sempre havendo estado.

A esse indeterminado de puro ser, que não tem acesso à determinação, é a isso que nos dá acesso a transferência. O problema, dirá Lacan, é que ela o faz de maneira enigmática. Não nos esqueçamos que a transferência é para Freud um tipo de deslocamento, e para Freud e Lacan um dos cinco tipos de formações do inconsciente. Por outro lado, o grande problema é que a psicanálise pós-freudiana toma a transferência como repetição, em especial pela fórmula freudiana que reza: o que não pode ser rememorado se repete na conduta, o que leva a que esta conduta seja entregue à interpretação do analista.

Desde o início do seu ensino, Lacan insistiu na valorização da palavra do analisante em detrimento de

outras formas de comunicação. Neste momento do “Seminário”, vai retomar esta questão. Para tanto, retomará o dito no já citado “Seminário 1” da balança do sujeito ao Outro. Este Outro, duplamente significado, por um lado tesouro dos significantes, lugar da lei, constituidor do sujeito, e por outro, herdeiro dos outros parentais passados pela castração (cf. “O romance familiar do neurótico”, Freud 1908). Mas, nesta altura da fundamentação de sua teoria, Lacan irá demonstrar que esta balança utilizará a presença do analista sobredeterminada pelo Outro, para neste momento fechar o inconsciente. No texto “Sobre a dinâmica da transferência”, Freud já havia dito que se a figura do analista é escolhida neste momento é porque serve à resistência. Mostra, mas se esconde pelo pudor. Lacan criticará os que se preocupam com o tipo de figura parental ou imago que se transfere, para propor que se pense na lógica do que se transfere.

Voltando à questão da causa, Lacan retoma o conceito freudiano de trauma para mostrá-lo opaco e não capaz (o tradutor da versão brasileira verteu, na página 124, último parágrafo, *opacité* por capacidade), e redefini-lo como resistência à significação. Este momento de fechamento, em Freud momento de parada e transferência pela aproximação ao núcleo patógeno, é vista, em 1953, como balança da palavra e, em 1964, como passagem de poderes do sujeito ao Outro, definido aqui como lugar da fala, virtualmente lugar da verdade.

Lacan retomará a discussão criticando a concepção que coloca na parte sã do eu o aliado do analista. Para ele o aliado é o inconsciente, que fecha o postigo. Se a bela (a verdade do desejo inconsciente) ficou para o lado de dentro, a chave, o Sésamo está para o lado de fora. A combinação significativa que precedeu o momento da presença do analista somado à envoltura formal do aparecimento desta possibilita a interpretação, em transferência. E esta é para Lacan a função simbólica da transferência, que tem a ver com este registro. Recordar neste momento a topologia do nó que não sabe dizer ainda se será ou não górdio. Mas seguramente ainda não é borromeu.

RSI

Uma forma de abordar a presença do analista a partir do registro do Real, seria em princípio simplista: é a presença física do analista de carne e osso, cobrando a sessão (Lacan “dixit” o dinheiro é o significante que mata todos os outros significantes da transferência e do amor); ou escandindo a sessão, ou marcando horários a qualquer hora, presentificando o diabo do *Che vuoi?* ou o da interpretação pelo sem sentido, que estreita o Simbólico. Todas estas indicações estão presentes e apenas apontam a um dos potencializadores necessários da abertura da hiância do inconsciente e sustentáculo da cura que é o desejo do analista, da ordem do Real.

Mas prefiro pensar uma outra articulação teórica que é mais conhecida e que concerne à teoria dos discursos. Embora esta teoria seja anterior ao “Seminário 20” que inaugura a última etapa do ensino de Lacan e se assenta na amarração borromeana adiantada nas primeiras linhas deste recorrido, está presente no segundo capítulo deste Seminário (intitulado “a Jakobson”).

No discurso analítico, interessa-me apenas salientar que o matema que ocupa o lugar do agente, acima à esquerda é o *objeto a*. Isto cria o que não é nenhuma novidade em se tratando de Lacan, mais um paradoxo: como um objeto pode ocupar o lugar de agente?

Pode-se responder a isso de muitas maneiras, como, por exemplo, a partir da petição de princípio de evitar o *furor curandis*, ou do silêncio necessário para permitir o desenrolar da associação livre como forma de que o sentido inesperado apareça.

Mas seria mais interessante pensar a fórmula lacaniana do analista fazendo semblante de *objeto a*, sempre e quando se tente desenvolver a fórmula para que não se transforme em uma vazia frase pomposa. Aproveito o fato de haver já adiantado a tese do *objeto a* como objeto pulsional, perdido para sempre. Se é buraco, *isso*, algo virá se colocar para preenchê-lo. Para isso, nada melhor que a realidade. Em termos freudianos se poderia dizer que a realidade é o que melhor se presta para a representação da realidade

psíquica. O analista colocado como objeto, será agente desta oferta para que algo se preste para a reatualização, para fazer parecido, semelhante, cara de, *semblant*. Não do igual ao perdido, mas o que daria conta d'isso.

Portanto é necessário agora que se relance a pergunta: discorri neste trabalho pela heresia (RSI) da presença do analista ou a RSI da transferência?

Prefiro pensar outra frase pomposa para fazer referência à triste opção que se coloca atualmente aos pacientes que é a forma de reensiná-los a viver e pensar o mundo (o re significa que já tentaram antes) que é a terapia cognotivista que agora se une aos bravos seguidores de Skinner (Beck to Skinner). Com Lacan desta época se trocaria o “saber fazer” do ensinar a pensar obturante e resistencial das técnicas cognitivo-comportamentais produtoras de *insights* imaginários sentidos como *fiat lux*, pelo “saber estar aí” expectante que poderá, a partir do Real do buraco, (*fiat trou* – buraco, 1975 Jornada de encerramento de Cartéis da Escola Freudiana de Paris) da clínica do nó borromeu, interpretar a partir do surgimento de novos significantes, os quais, como neo-produção simbólica e imaginária tratariam de fechar o buraco.

Especificará, no “Seminário 24”, que o analista, em transferência, deverá saber fazer aí com (*savoir faire y avec*), como o cirurgião: cortar aí com os artifícios da lálíngua e do uso do tempo, artificar.